

aquela senhora, amiga de sua patroa, para quem ela se apresentaria dizendo que sempre tinha feito seu dever, desde o dia de sua partida. E a miúdo, procurava figurar-se como seria a sua volta na sua cidade; pensava nisso com um certo orgulho, honesto e franco, e ficava contando os meses e os anos com energia e tranquilidade.

Com estes pensamentos, ela passou os longos dias no hospital, animando-se, confiando nas próprias forças e no futuro.

Sua patroa a visitava todos os dias e estas visitas cordiais estabeleceram uma intimidade entre a patroa e a jovem, como nunca havia tido antes. No entanto, à medida que Barberina ia melhorando, as visitas faziam-se mais raras e a moça notava, com inquietação, que a senhora ficava mais séria, que suas visitas eram cada vez mais breves e que havia, na atitude dela, algo diferente e insólito.

Um dia, Barberina atreveu-se a perguntar-lhe se a havia desagradado de alguma maneira ou se, talvez, não quisesse mais que ela voltasse para trabalhar na sua casa quando saísse do hospital.

A boa senhora a olhou surpresa, garantindo-lhe afetuosamente que nunca tivera de se lamentar do seu trabalho e que esperava revê-la logo na sua casa. Mas, logo a seguir, antes de deixá-la, ficou novamente séria e disse-lhe que tinha problemas graves e estava muito infeliz. Mas, logo após ter dito isso, talvez envergonhada deste repentino desabafo com uma moça doente, para quem ela nunca iria poder explicar a verdadeira razão de sua insatisfação, levantou-se e, após uma breve despedida, deixou-a.

Nunca mais voltou.

Barberina a aguardava sempre e não se conformava de não mais a ver. Temia que sua boa patroa também estivesse doente, e que por isso não pudesse visitá-la.

Enquanto isso, Barberina melhorava e, apesar de ainda muito fraca, fingia sentir-se forte e vigorosa, para obter mais rapidamente permissão para sair do hospital, imaginando que sua patroa precisasse dela, que ela estivesse doente, que talvez se sentisse mal. Ter de permanecer no hospital sem ninguém que viesse visitá-la, sem nunca ver uma pessoa conhecida, lhe dava medo. Ela sentia-se só no contínuo vai-e-vem das salas dos doentes, naquele lugar sempre aberto ao público. A grande porta de entrada, aberta a todos, que comunicava incessantemente com a cidade, e a outra porta, do lado oposto, que dava acesso à parte interna do hospital, pela qual levavam embora os mortos, ambas a deixavam igualmente aterrorizada.

Às vezes, nos sonhos provocados pela febre, sentindo passar sobre sua cama alguma corrente de ar que, vindo pela entrada, passava sibilando por entre os corredores e as enfermeiras, ela imaginava que aquela corrente arrastava consigo as pessoas, involuntariamente, vindo das ruas mais remotas da cidade, trazendo consigo, como um rio impetuoso, os mais desgraçados e os mais fracos.

Antes morrer¹

Marchesa Colombi

Tradução: Maria Cristina da Silva Gonçalves²

Um dia pensei em levar todas as minhas jóias para a Congregação da caridade. Mas Malvezzi não entrou no espírito da coisa. Disse-me que não tinha o direito de alienar a propriedade da minha filha.

É estranho que a pequena Marichita deva ditar-me a lei e ser a proprietária dos meus diamantes, os quais eu não lhe permitiria nem sequer tocar com um dedinho. É insuportável a tirania desta menina.

Em outra ocasião lembrei-me de ter conhecido, em Turim, umas mulheres de muito valor que, de manhã, iam arrumar as camas no Bom Pastor. Pensei em ir, eu também, arrumar as camas dos velhinhos do Asilo Pio Trivulzi.

Mas após ter feito a experiência de arrumar a minha própria cama, compreendi que teria prestado um péssimo serviço àqueles pobres velhos.

Não fui acostumada a fazer os serviços domésticos; não sou uma boa dona de casa; sou um objeto de luxo, um capital mal empregado, como o nosso casarão de Regoledo, que nos custa um despropósito para mantê-lo e não rende nada.

Fui então até a casa de uma conhecida minha, que é a filantropia encarnada. Não como Cristo, encarnado num jovem tão belo de virar a cabeça a Maria Madalena. Ela está encarnada há meio século em uma matrona, nem um pouco bonita e um pouco pedante, que não faz ninguém perder a cabeça e não suscita nenhuma paixão.

Ela recebeu-me como se recebe uma ovelha perdida que volta ao curral, arrastou-me por toda Milão na sua carruagem, fez-me ficar sentada nas cadeiras

1 COLOMBI, marchesa. **Prima Morire**, Milano: Galli, 1887. O trecho traduzido foi extraído de MORANDINI, G. op.cit. p. 137-145.

2 Aluna do VII semestre do Bacharelado em Letras - Tradutor em Português e Italiano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

duras da sala de espera do Orfanato, levou-me até ao doutor Pini, o qual, como aperitivo, mostrou-me os casos mais bem sucedidos da sua coleção de pequenos raquíticos. Finalmente, depois de ter batido em tantas portas, como se fosse eu que andasse pedindo esmola, fiquei sabendo que o doutor Pini inscrevera-me no serviço beneficente de coleta de papéis reutilizáveis e a senhora X aceitou-me na proteção das órfãs pobres.

Pareceu-me ter crescido um palmo. Sentia-me honrada com minha dupla missão.

Ao longo do caminho, cada vez que via um senhor com papéis no bolso do casaco, sentia vontade de pedi-los para colocá-los no cesto da *Filantropia sem sacrifício*. Ficava tentada de recolher os papéis sujos do chão ou arrancar os cartazes das paredes.

Em casa, sequestrei os jornais do meu marido, as cartas ainda não abertas, os livros da Marichita, a única que se prestou, de bom grado, a privar-se deles para sempre. Ofereceu-me até a caneta e o tinteiro com verdadeiro entusiasmo.

Aos meus olhos, a caridade convertia todos os papéis do mundo em papel a ser recuperado. Até mesmo as notas de dinheiro.

Tome cuidado com esta carta que estou lhe mandando. Conserve-a. É apenas um empréstimo, somente para leitura, e deverá devolvê-la porque a propriedade de toda a minha correspondência é destinada à *Filantropia sem sacrifício*. Não deixe de responder-me para aumentar a minha provisão.

Contudo, aquela caracterização — *sem sacrifício* — tornava a empreitada insuficiente para o meu fervor de neófito.

A assistência aos órfãos pobres era um desafio bem maior. Defender um grupo de jovens virgens dos perigos do mundo!

Todo o dom-quixotismo de que era capaz o meu coração inflamou-se diante daquele moinho de vento.

A partir daquele momento, senti-me responsável pela honestidade de todas as órfãs da paróquia. Em cada doméstica que lavava uma fralda, eu enxergava uma Margarida perseguida por um Fausto arrogante.

Na manhã seguinte, em um horário incrível, entrou no meu quarto a Gigia, amuada, dizendo que haviam chegado duas jovens, uma após a outra, e que estavam esperando por mim na antecâmara.

Ela não sabia que eu protegia as órfãs e vendo aquela afluência de moças, tinha deduzido que eu procurava uma nova camareira e queria demiti-la.

Assim, a primeira retribuição que obtive da minha beneficência foi uma série de repreensões da Gigia, que abriu as persianas com tanta violência que quase me cegou, derramou café nos meus lençóis, apertou o meu espartilho como se fosse um instrumento de tortura, além de me pentear com o coque torto.

Assim que vi minhas protegidas, compreendi que a natureza fizera uma grande concorrência ao Patronato para proteger a honestidade daquelas órfãs.

As colocara a salvo debaixo do escudo de se acharem... feias.

Uma delas era macilentinha, um pouco nanica, um pouco manca, com um rostinho pálido de anêmica. Vinha reclamar por causa de um balde:

“Era absolutamente grande demais para suas forças; eu que sou uma senhora caridosa, deveria ter visto que ela não tinha condições de carregar um balde como aquele.”

Falava no balde como se eu o conhecesse perfeitamente. E enchê-lo apenas uma vez não era suficiente. Era necessário enchê-lo duas ou três vezes todas as manhãs para que todos se lavassem...

Fez uma ladainha que durou meia hora. Depois foi embora, ditando-me a sua ordem do dia, nestes termos:

Intimar seus patrões a comprar um balde adequado às suas forças — deveria ser um dedal — e a lavarem-se *com moderação*.

A outra era uma criatura magricela, comprida como uma torre, escura, magra e ossuda, como aquelas galinhas velhas que procriaram por dez gerações.

Se algum dia um Fausto importunou aquela Margarida, devia ser no tempo de sua decrepitude, antes que Mefistófeles o rejuvenescesse.

Contudo, este Fausto existia de fato. Mas a pomba assediada pedia proteção contra a patroa, não contra o assediador.

A patroa não queria que ela falasse com o cocheiro, fazendo-a perder um bom partido, já que era um rapaz valoroso, ajuizado e que realmente gostava dela.

De fato, ele devia gostar mesmo dela para perdoar-lhe aquela aparência, a menos que fosse por prudência, para resguardar-se de sentir ciúmes.

Mais tarde, veio uma jovem exorbitantemente saudável, vermelha como um tomate, com o nariz achatado e uns poucos fios de cabelo despenteados sobre a testa, atarracada, rechonchuda, sem nenhuma elegância nem graça.

Esta não tinha queixas a fazer. Estava bem; tinha vindo somente para se apresentar; tinha bastante tempo para isso porque a família dos patrões estava no campo e ela estava em Milão, sozinha com o patrão.

Sozinha com o patrão! Meu senso moral revoltou-se àquelas palavras. É a isso que essas pobres moças estão expostas! Perguntei-lhe:

— E é claro que ficar sozinha com ele te desagrada, não é?

— Oh, não senhora, eu gosto.. Tenho afeto por ele, pobre marquesinho!

Um marquesinho!

Eu estava suando frio. Era tarde demais para evitar o mal. Precisava pensar em como remediar. O marquesinho tinha que se casar com ela; o Patronato tinha o dever de obrigá-lo a esta reparação. Desde que ele não fosse menor de idade, porque, então, a família poderia se opor...

Tremendo, eu perguntei:

— Quantos anos tem o marquesinho?

— Setenta e nove.

Era outro moinho de vento.

O pobre homem era um paralítico: haviam reduzido o seu título com um diminutivo porque era nanico e torto.

Não havia mesmo maneira de executar a minha missão. As moças eram feias, os patrões, aleijados e decrépitos, os cocheiros, ajuizados e bem intencionados; tudo ía bem — *tout pour le mieux dans le meilleur des mondes*. O Patronato era uma sinecura.

Perguntei àquela jovem se não havia outras órfãs trabalhando como doméstica na minha paróquia.

Como doméstica não; mas havia uma que trabalhava para uma passeadeira, na mansarda do meu próprio edifício, no primeiro pátio, onde temos as janelas dos quartos guarda-roupas e dos quartos dos criados. Falei disso com a Gigia, que logo disse :

— Ah, a Mariettina. É a coqueluche do bairro. Ela fica bem lá em cima, quase no telhado; mesmo assim, todos os rapazes que passam apóiam-se na parede, para não caírem para trás, mas não vão embora sem tê-la visto.

Mandei que a chamassem. Ela respondeu que não precisava de nada. Que quando ela estivesse sem trabalho, ela também sabia que existia um Patronato e que este era obrigado a lhe dar assistência.

Pouco depois, Gigia veio dizer-me que, no pátio, o jovem da loja para a qual a jovem trabalhava, estava chamando Mariettina.

Fui até ao quarto guarda-roupas, para vê-la.

O vendedor da loja gritava:

— E os colarinhos daquele senhor de ontem? Ele está com muita pressa.

E Mariettina respondia, sem se descompor:

— Se ele tem pressa, então que corra.

— Ele está esperando por eles.

— Pede para ele esperar sentado. Eles não estão sequer engomados.

— Mas ele precisa ir.

— Deseja boa viagem e que se cuide para não perder a bolsa.

— Mas ele já pagou e quer a sua mercadoria. O que devo dizer?

— Que lhe mando muitas lembranças: que sou a Mariettina e que sou mais loira que ele. E se ele não acreditar, que venha ver.

Apesar da sua vulgaridade, inflamei-me de santo zelo pela honra daquela bela jovem.

Aquela facilidade com que ela convidava os homens a se certificarem da cor do seu cabelo era muito perigosa. Era realmente necessário exercer a missão do Patronato.

Mas a Mariettina não quis saber de ser protegida.

Disse que tinha bons braços e que, para viver, ela se garantia e não nos devia nenhuma explicação. À minha camareira, ela respondeu:

— Diga à sua patroa que quando eu estiver por morrer irei até ela para que ela recomende minha alma a Deus. Mas, por enquanto, ela não precisa se meter na minha vida, porque, de morrer, eu não tenho pressa.

Pensei na velha história de Maomé e da montanha e eu mesma subi até a passeadeira: uma jovem grande e grosseira me recebeu muito mal e grunhiu:

— Bem se vê que os ricos não têm nada a fazer, para andar desse jeito a meter o nariz na casa dos outros.

Em seguida, Mariettina me disse:

— Ouça senhora, no verão, a senhora vai para o campo, não é mesmo? Para apanhar um pouco de ar fresco. Eu, que não tenho casa no campo, apanho ar da sacada.

— Mas tem sempre algum rapaz na rua quando tu apanhas ar.

— O que é que a Senhora quer? Que eu coloque um guarda na esquina da rua para que não deixe passar os rapazes?

E, com acento de zombaria, acrescentou:

— Se o Patronato quiser colocar um...

Ela estava esplêndida com a expressão esperta, fresca, como uma rosa, iluminada por dois grandes olhos azuis, sob uma auréola de cabelos dourados, caprichosamente desalinhados. Com indulgência materna, eu lhe disse:

— Mas, ao menos, você poderia não ficar rindo com os homens que passam.

— Como! — exclamou com um espanto nem um pouco engraçado — Fiz-eram um Patronato para proibir-nos de rir?

— Você sabe bem que não é isto que quis dizer.

— Então, saiba que quando se trabalha o dia todo, se tem o direito a um pouco de alívio. As Senhoras vão ao teatro com os ombros nus, para se divertir; eu me divirto rindo com os ombros cobertos. Custa menos.

— Mas toma cuidado, porque rir com os rapazes poderia te custar mais.

— De novo com os rapazes! Fique tranqüila: não vou comer os seus jovens.

E levada pelo despeito, voltou a falar, em modo ácido:

— Eu não sabia que eles passavam para a Senhora.

Pareceu-me que nem mesmo a minha missão de patronesse obrigasse-me a tolerar estas cenas; e me retirei.

Mas estou desanimada.

Como se faz... como faz o Senhor para exercitar essa virtude que vem pregando? A empresa é muito difícil. Cristo encontrou um terreno fácil. Bastava ele falar com Maria Madalena para que ela jogasse suas jóias às urtigas e usasse seus cabelos para secá-lo. Receio que me lavaria pouco se esperasse fazê-lo com as lágrimas da Mariettina e enxugar-me com seus cabelos loiros.

No entanto, o senhor é virtuoso e caridoso, no mesmo mundo e na mesma época em que eu vivo.

E eu não sou uma tola. O que é que o mundo tem para nos embrutecer tanto?

Além do mais, caro mestre, não sei se me será útil a metamorfose que as suas nobres idéias tem operado no meu coração. Serei uma desajustada na sociedade de pigmeus na qual terei que viver, e esses, que não mais me compreenderão, me considerarão enlouquecida.

Há momentos em que temo de também acreditar nisso. Sinto-me invadida por uma tristeza profunda e tenho uma grande necessidade de chorar.

Não é o pranto desconsolado pela perda das coisas que nos são caras, nem é o pranto gelado do ceticismo de quem não tem nada em que acreditar ou amar. É o pranto sofrido de uma grande aspiração que não se pode alcançar.

Meu coração é movido por um imenso afeto por toda a humanidade: amo a todos os meus semelhantes, com ternura, e sofro por não poder dizê-lo, não ser capaz de externá-lo com ações concretas.

Eu acho que todos os seres humanos deveriam tratar-se por tu. Gostaria de parar na rua as mulheres dos pescadores e abraçá-las, e chamá-las de amigas.

Às vezes, retrospectivamente, faço um interminável castelo no ar. Imagino-me nascida em um país protestante e casada com um sacerdote.

Teríamos uma casinha isolada, em uma daquelas localidades da Inglaterra cujos nomes terminam em *shire*. Eu seria a esposa modesta e a confidente do homem de Deus. Trabalharia por ele e com ele.

Ele me diria onde estão os pobres a serem socorridos, os doentes a serem ajudados, os moribundos a serem confortados. De manhã sairíamos juntos e, à porta de casa, trocaríamos um aperto de mãos e depois, cada um iria de um lado, para cumprir a santa missão do bem.

E à noite, reencontrando-nos junto da mesa de eremitas, daríamos conta, um ao outro, das obras feitas, das impressões provadas. E, no abraço de amor, nos pareceria abraçar a humanidade e diríamos:

— Deus nos bendiga, porque fizemos o bem.

Parece-me que a vida, assim empregada, decorreria fácil e serena.

Que mal nos poderia fazer o mundo? Seríamos pobres e as grandes crises financeiras não poderiam tirar-nos nada. A maledicência não perturbaria a nossa paz porque a nossa consciência teria feito na virtude um tal baluarte de segurança que nos tornaria capazes de desafiar qualquer ataque.

Eu acho até que gostaria de ser caluniada para poder perguntar ao companheiro da minha vida:

— Tens fé em mim? E por ouvi-lo dizer:

— Sim, tenho fé.

E, de mãos dadas, caminharíamos tranquilos e seguros pelas tempestades da vida.

Meu marido é bom, generoso, amorosíssimo. Mas tenho certeza que morreria de rir ao ouvir esta idéia de convertê-lo em *clergyman*. Se lhe dissesse isso, ele

logo iria fechar o seu cofre, por medo de que, em um momento de exaltação, eu jogasse as suas ações e os seus títulos do tesouro aos peixes do lago.

Ele ama a boa comida; a minha mesa de eremitas o faria estremecer.

Fico feliz que o céu tenha-me concedido ao menos um amigo a quem possa falar dos meus devaneios, com a certeza que ele os compreende e os ouve.

Para mim, nunca se realizarão: deverei viver sempre dividida entre a poesia dos meus sonhos e a prosa da vida objetiva.

Mas aquilo que não posso mais obter para mim o desejo para o senhor, mestre.

O senhor é artista. Este batismo do gênio o eleva acima dos homens vulgares, lhe dá o direito de não aceitar as leis egoístas e estreitas que regem o mundo e de viver como lhe aconselham a sua mente e o seu coração.

Quando escolher uma companheira, estou certa de que não a procurará no grupo das senhoritas que esperam um bom partido, que falam sem entusiasmo, que não leem romances, que não vão ao teatro, que fazem um mundo de simulações para se manter aparentemente ingênuas, às vezes, até aos vinte e cinco anos, a custo de parecerem tolas, em benefício daquele ser impessoal que amam idealmente, sob o nome, nem um pouco ideal, de bom partido. E assim que o encontram, apressam-se a conseguir um enxoval, roupas, jóias, para poder amá-lo devidamente enfeitadas com trajes específicos para cada ocasião, para a manhã, para receber convidados ou para sair, como manda a etiqueta, como eu mesma fiz.

O senhor se casará com uma mulher inteligente, boa, corajosa como o senhor, que o amará pelo seu talento e pelo seu caráter, independentemente do seu valor enquanto *partido*. Ao invés de representar a comédia da ingenuidade, ela terá um belo coração, leal, e terá ideais, princípios, aspirações que corresponderão aos seus ou, quem sabe, serão opostos. Mas sempre de um nível elevado, superior e alheio às pequenas misérias da vida, frívola e fofoqueira, do mundo elegante.

E se sentirão unidos no vínculo suave e forte de duas almas que se compreendem e se ajudam nas dificuldades da vida.

Que Deus o abençoe, mestre, e à mulher que o fará feliz.

Eu os contemplarei de longe como uma bela obra de Deus, a mais nobre manifestação do amor e da virtude, como certas cenas de glória que se sonham e que continuam, por muito tempo, como uma visão consoladora e solene, um ponto luminoso na escuridão da vida.

EVA MALVEZZI